



GT 07 - Direito à Cidade, Cultura e Memória: Reparação e Reconhecimento

A COMUNICAÇÃO COMO EIXO ESTRATÉGICO EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE URBANISMO: O CASO PERIFERIA VIVA

Flora Menezes Tavares

1 Introdução

Muitos projetos de urbanismo ainda não consideram a comunicação como uma frente de trabalho estruturante em seus escopos. Quando incluída, é frequentemente compreendida através de um viés instrumental, restrita à produção de materiais gráficos, informativos ou conteúdos de divulgação. No entanto, diversas experiências como planos participativos, atuações de assessorias técnicas e projetos de impacto social apontam para seu potencial como uma dimensão transversal, estratégica e fundamental para a construção de políticas públicas urbanas mais democráticas, inclusivas e conectadas às realidades locais. Este trabalho apresenta a experiência da TRAMA, organização social baiana que atua como assessoria popular multilinguagem no programa Periferia Viva, política pública implementada pela Secretaria Nacional de Periferias, no âmbito do Ministério das Cidades. O programa articula diferentes políticas setoriais para enfrentar desigualdades históricas em territórios periféricos urbanos brasileiros, promovendo melhorias de infraestrutura, participação comunitária e justiça socioespacial. A atuação da TRAMA evidencia como a comunicação, compreendida como prática de tradução da linguagem, documentação e mobilização, pode fortalecer processos de participação popular e gestão democrática do território.



2.1 Periferia Viva e a Comunicação como Eixo Estratégico

O Periferia Viva¹ surge no contexto da recriação do Ministério das Cidades e da inédita Secretaria Nacional de Periferias, instituída para enfrentar desigualdades históricas nas periferias urbanas brasileiras. É uma política pública inovadora por valorizar a atuação de assessorias técnicas e metodologias participativas, reconhecendo a importância de processos que articulem infraestrutura, regularização fundiária, mobilização social e fortalecimento comunitário. Na Região Metropolitana de Salvador, o Periferia Viva é coordenado pela Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, com foco nos territórios de Alto da Conquista e Marielle Franco, em Simões Filho, comunidades com as quais a Residência já mantinha vínculos anteriores de colaboração.

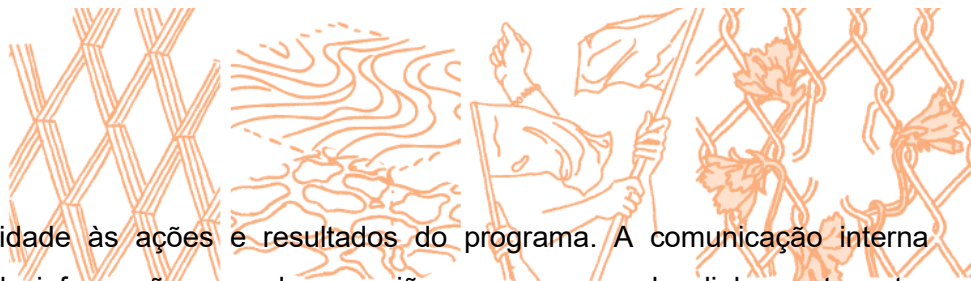
Nesse contexto, a comunicação não aparece como um eixo temático isolado, mas como elemento transversal e estratégico, sustentando todo o ciclo de elaboração, implementação e monitoramento do projeto.

2.2 A Experiência da TRAMA: Comunicação Multilinguagem

A TRAMA, organização que articula urbanismo, comunicação e inovação social, atua como assessoria popular multilinguagem no Periferia Viva. Desde sua criação, em 2020, a partir do diálogo com comunidades impactadas por grandes projetos urbanos em Salvador, a TRAMA desenvolve metodologias colaborativas, educativas e criativas para fortalecer direitos urbanos e disputar narrativas sobre a cidade.

No Periferia Viva, a comunicação é organizada em três dimensões integradas. A comunicação externa trata sobre narrar o projeto “para fora”: abrange apresentações institucionais, produção de conteúdos para redes sociais, site e materiais impressos,

¹ BRASIL. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Periferias. **Guia do Plano de Ação: Periferia Viva**. Organização: Flávio Tavares. Brasília, DF: Ministério das Cidades, 2024. ISBN 978-85-7958-082-6.



buscando dar visibilidade às ações e resultados do programa. A comunicação interna estrutura os fluxos de informação, agendas, reuniões e processos de alinhamento entre frentes de trabalho, garantindo coesão entre as equipes. Já a comunicação comunitária foca na realização de oficinas formativas com moradores e agentes do território, fortalecendo capacidades locais de organização e produção de narrativas.

Essa estrutura revela que a comunicação não se limita a produzir peças gráficas: é uma prática política, pedagógica e técnica que contribui para consolidar vínculos, circular informações de forma acessível e ampliar o sentido de pertencimento e participação no processo de transformação urbana.

2.3 Desconstrução, Construção e Reconstrução de Sentidos

A prática comunicacional da TRAMA dialoga com o que propõe a autora Midiã Noelle²: trata-se de um processo de desconstrução, construção e reconstrução de sentidos.

Desconstrução, pois desmonta visões hegemônicas que reduzem as periferias à precariedade, violência e ausência. Em seu lugar, as ações de comunicação destacam histórias, sonhos e estratégias de vida, tornando visível a força comunitária que habita o território. Construção, porque fomenta um conhecimento técnico-popular compartilhado, tecendo a troca entre saberes acadêmicos e os sabores orgânicos — expressão de Nego Bispo³ para marcar o saber ancestral, não-escolar, vivo. Essa troca não é unilateral: desafia a própria universidade e o Estado a reaprender com as narrativas locais. Reconstrução, pois o território não é só documentado, mas reimaginado coletivamente. A memória construída por fotos, vídeos, relatos e oficinas reordena as relações entre moradores, políticas públicas e cidade, ancorando futuros possíveis. O resultado é um arquivo vivo, que fortalece a capacidade de incidência política das comunidades.

² MIDIÃ, Noelle. **Comunicação antirracista: um guia para se comunicar com todas as pessoas, em todos os lugares**. São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

³ SANTOS, Antonio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44-51, 2018.



2.4 Impactos Observados

Entre os resultados mais relevantes, destaca-se a formação de agentes comunicadores locais, ampliando o alcance das informações no território e criando redes de mobilização e participação. O trabalho também resulta na consolidação de um acervo de fotos, vídeos e relatos, que funciona como memória viva e referência para ações futuras. Outro impacto é o fortalecimento da compreensão, por parte das/os moradoras/es, dos termos técnicos e processos envolvidos na execução das obras, o que favorece maior apropriação e engajamento. Além disso, a construção coletiva das narrativas contribui para ressignificar a relação simbólica dos moradores com o território, reforçando o sentimento de pertencimento e direito à cidade.

2.5 Desafios e Limites

Apesar dos resultados positivos, a experiência também revela obstáculos que tensionam o trabalho de comunicação enquanto eixo estruturante. Um dos principais desafios é a baixa mobilização de parte dos moradores, consequência de um histórico de desgaste e frustrações acumuladas em lutas por direitos que, muitas vezes, não se concretizam. Essa realidade amplia a dificuldade de engajar continuamente a comunidade em oficinas, reuniões e atividades formativas. Soma-se a isso a necessidade de mediar conflitos e lidar com tensões interpessoais que emergem nos processos coletivos, especialmente em contextos marcados por desigualdades internas e disputas locais. Outro ponto sensível é o caráter temporário do Periferia Viva: a finitude do programa impõe à assessoria o desafio de pensar estratégias de fortalecimento comunitário que possam permanecer como legado, mesmo após o encerramento formal das ações.

3. Considerações Finais

A experiência do Periferia Viva e da TRAMA mostra que a comunicação, quando entendida como dimensão processual, política e pedagógica, amplia o alcance transformador de políticas públicas urbanas. Ao ir além de campanhas institucionais, a comunicação atua como prática de disputa de narrativas, enfrentando desigualdades epistemológicas e territoriais. A comunicação, portanto, não se limita a “contar histórias”, mas disputa o direito



de narrar, traduzir e reconstruir significados. Seu papel é essencial para reverter a lógica que historicamente invisibiliza populações periféricas, abrindo caminhos para cidades menos desiguais, mais inclusivas e construídas com a participação efetiva de quem nela vive.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Periferias. **Guia do Plano de Ação: Periferia Viva**. Organização: Flávio Tavares. Brasília, DF: Ministério das Cidades, 2024. ISBN 978-85-7958-082-6.

MIDIÃ, Noelle. **Comunicação antirracista: um guia para se comunicar com todas as pessoas, em todos os lugares**. São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

SANTOS, Antonio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44-51, 2018.